

O FENÔMENO *BULLYING*: A adesão a valores morais entre os envolvidos em situações de intimidação¹

Vitória Hellen Holanda Oliveira ²
Luciene Regina Paulino Tognetta ³
Sanderli Aparecida Bicudo Bomfim ⁴

RESUMO

Sabemos que o ambiente escolar é, por excelência, o lócus da convivência entre os pares e, portanto, um espaço em que, comumente, problemas nas relações interpessoais como o bullying, uma forma de violência intencional e repetitiva, que envolve um ou mais autores, vítimas e aqueles que assistem às cenas, que deveriam ser intoleráveis. Tendo em vista as características do fenômeno *bullying*, diversas pesquisas já apontaram a ausência de valores morais como o respeito, a justiça e a solidariedade quando situações de humilhações e intimidações acontecem. Essa pesquisa, portanto, tem como objetivos constatar o modo de adesão a valores morais – o respeito, a justiça e a solidariedade – por adolescentes que se percebem autores, alvos e espectadores em situações de *bullying* e, concomitantemente, verificar se há diferenças no modo de adesão a tais valores por adolescentes que se autopercebem partícipes dessas violências. A presente pesquisa é de caráter descritivo e exploratório cuja amostra, escolhida por conveniência, conta com a participação de 2.513 adolescentes de Ensino Fundamental II, entre 11 e 15 anos, de escolas públicas e particulares do Estado de São Paulo. Os resultados comprovam nossa hipótese inicial: há diferenças nos modos de adesão aos valores morais entre aqueles que se autopercebem autores, alvos ou espectadores desse fenômeno.

Palavras-chave: *Bullying*, Valores Morais, Adolescentes, Convivência escolar.

INTRODUÇÃO

“Os colegas me xingavam, falavam que o meu cabelo era ruim, chamavam de macaca, diziam que eu não era inteligente e que eu cheirava mal. Eu ficava triste e me afastava da turma. Ficava meio no canto e me sentia só. A prática era tida como algo

¹Resultado de pesquisa de Iniciação Científica com financiamento do Ministério da Educação (MEC/SESu) e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia.

²Graduanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Araraquara), vitoria.hellen@unesp.br;

³Professor orientador: Pós-doutora em Psicologia pela Universidade do Minho - Portugal, professora do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Unesp - Campus de Araraquara, luciene.tognetta@unesp.br.

⁴Doutoranda em Educação Escolar, pela Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Araraquara), sanderli.bicudo@gmail.com.

normal. Mesmo que doesse, a gente aceitava, era uma bagunça entre amigos"⁵

O relato acima é de Thayane Maia, uma universitária que, assim como diversos alunos e alunas, sofreu agressões e intimidações durante o período escolar. Apesar de tido como “brincadeira”, o *bullying* é um dos fenômenos que mais incide negativamente sobre a autoimagem, autoestima e personalidade de jovens e adolescentes (LA TAILLE, 2002; TOGNETTA, 2005). Ainda que os estudos acerca desse fenômeno tenham se tornado alvo de investigações sistemáticas a partir da década de 1970, essa forma de agressão e/ou intimidação entre pares é tão antiga quanto o próprio homem.

No Brasil, dos 10.691 alunos que participaram do Pisa 2018 (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), 29% responderam terem sido alvo de *bullying*, pelo menos uma vez por mês (OCDE, 2018). Em investigação realizada pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) (IBGE, 2010), constatou-se que, dentre 618.555 estudantes, 5,4% dos alunos são intimidados repetidas vezes. Esta mesma pesquisa, em estudos mais recentes (IBGE, 2016), constatou que os números têm aumentado, 7,6% dos meninos e 7,4% das meninas sofrem intimidações de maneira recorrente (TOGNETTA; OLIVEIRA; BOMFIM, 2021).

O *bullying* é um fenômeno caracterizado por agressões físicas, verbais e/ou psicológicas, podendo ser realizado por uma pessoa ou grupo de maneira intencional - a fim de causar dor e desconforto a um alvo que se sente de menor valor e, ainda que inconscientemente, consente às agressões sofridas, caracterizando-se num desequilíbrio de poder psicológico entre autor e alvo por repetidas vezes ao longo do tempo e, conta com a presença de um público que presencia essas situações, ocorrendo, na maioria das vezes, escondido aos olhos das autoridades (OLWEUS, 1994, 1997; TOGNETTA).

Sabemos que o ambiente escolar é, por excelência, o lócus da convivência entre os pares. Sabemos também que os objetivos das diversas instituições educativas, brasileiras ou não, apontam a necessária formação respeitosa, tolerante, solidária de seus alunos e alunas. No entanto, mesmo diante das nobres intenções das instituições que educam, esse fenômeno complexo e cruel encontra espaços, como apontam as pesquisas anteriormente apresentadas, e se revela na ausência de valores morais (TOGNETTA; AVILÉS MARTÍNEZ; ROSÁRIO, 2016). Portanto, pensar em formas de prevenção e

⁵ EM TEMPO. **Bullying: relato de sobreviventes**. Disponível em: <https://d.emtempo.com.br/ciencia-e-tecnologia-educacao/187613/bullying-relato-de-sobreviventes>. Acesso em: 07 jul. 2021.

intervenção eficazes aos casos de *bullying* requer um estudo acerca do desenvolvimento moral de crianças e adolescentes.

Considerando, assim, tais questões, podemos nos indagar: haverá uma correspondência entre como os envolvidos em situações de *bullying* se autopercebem - como autores, alvos ou espectadores - e suas formas de adesão aos valores morais do respeito, da justiça e da solidariedade?

A fim de responder a esse questionamento, os objetivos da presente investigação são: constatar o modo de adesão a valores morais – o respeito, a justiça e a solidariedade – entre adolescentes que se percebem autores, alvos e espectadores em situações de *bullying* e, concomitantemente, verificar se há diferenças no modo de adesão aos valores morais adotados por esses adolescentes que se autopercebem como partícipes desse fenômeno.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter descritivo e exploratório. Os dados utilizados foram coletados integralmente até 2018 e analisados por Bomfim para uma investigação anterior (2019)⁶. A autora autorizou a utilização dos dados para novas análises e investigações.

Foi escolhida uma amostra por conveniência, em escolas públicas e particulares do Estado de São Paulo, destas, 1.366 alunos pertencem a escolas com um Sistema de Apoio entre Iguais implementado e 1.147 alunos de escolas sem esse sistema, totalizando 2.513 adolescentes entre 11 e 15 anos, de Ensino Fundamental II (BOMFIM, 2019; LAPA, 2019; SOUZA, 2019).

O instrumento utilizado (BOMFIM, 2019) foi um questionário composto por perguntas fechadas e dividido em duas partes, preenchido na versão on-line, na plataforma Survey Monkey. A primeira parte englobou questões de caracterização e de participação em situações de *bullying*. A segunda parte contou com uma adaptação do instrumento validado pela Fundação Carlos Chagas (TOGNETTA; MENIN, 2017), que investigou a adesão aos valores morais da justiça, respeito, solidariedade e convivência

⁶A pesquisa teve autorização do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, sob número CAAE 65373417.0.0000.5400.

democrática, através de situações hipotéticas cujas alternativas apontavam contravalores e pró-valores (MENIN; BATAGLIA; MORO, 2013).

As histórias apresentadas no instrumento continham cinco opções de resposta e os respondentes só podiam escolher uma delas. As alternativas evidenciam modos diferentes de aderir aos valores do respeito, da justiça e da solidariedade: duas (C1 e C2), indicavam contravalores, ou seja, a não adesão a um valor moral, sendo C1 em uma perspectiva social egocêntrica e C2 em uma perspectiva social sociocêntrica.

Três alternativas indicavam adesão a um valor moral: em P1 a adesão sob uma perspectiva social egocêntrica em que o indivíduo visa a satisfação das próprias necessidades e considera apenas seu ponto de vista. Em P2 a adesão em uma perspectiva social sociocêntrica em que o indivíduo considera em seu universo social apenas pessoas importantes, como familiares e amigos e, a submissão às autoridades, regras e convenções sociais. E, por fim, em P3 sendo a adesão a um valor sob uma perspectiva social moral que se dá pela compreensão de que há um princípio maior e universal que é bom, justo e necessário para todos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideramos válido trazer à luz da discussão o significado dos valores morais que abordaremos a seguir. O conceito de valor expressa a ideia de algo que vale alguma coisa e, atribui qualidade às coisas, às pessoas, atos ou intenções. Concomitantemente, são parâmetros para nossas ações, fazendo com que escolhamos uma ao invés da outra. Nesse sentido, valores morais são horizontes normativos considerados bons para a vivência em sociedade, a fim de guiar nosso modo de ser e viver, para estarmos de acordo com costumes, normas e princípios estabelecidos na sociedade, que nos indicam as ações e atitudes certas, boas e justas (MARQUES; TAVARES; MENIN, 2017). Passemos a análise dos dados.

A fim de responder aos objetivos traçados em nossa investigação, consideramos em nossa análise como “não adesão a valores morais” as respostas em C1 e C2 (não adesão a um valor moral em perspectiva social egocêntrica e em perspectiva social sociocêntrica, respectivamente). Consideramos como “adesão a um valor moral” as respostas em P3 que asseguram o princípio universal sobre o que é certo, bom e justo para todos. Excluímos desta análise as respostas em P1 e P2, pois ainda que caracterizem uma

adesão aos valores, apontam uma adesão “empobrecida”, tendo em vista suas perspectivas egocêntricas e sociocêntricas, respectivamente (TOGNETTA; OLIVEIRA; BOMFIM, 2021).

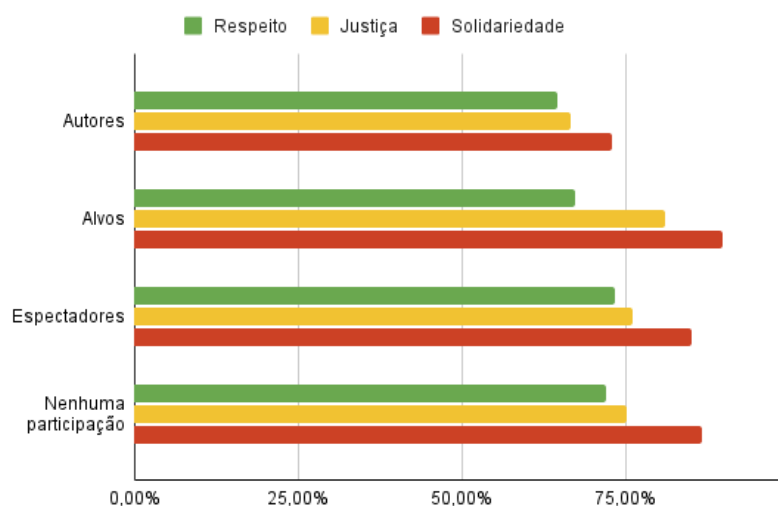
Tabela 1 - Adesão aos valores nos grupos pesquisados

	RESPEITO	JUSTIÇA	SOLIDARIEDADE
AUTORES	64,58%	66,67%	72,92%
ALVOS	67,24%	81,03%	89,66%
ESPECTADORES	73,40%	76,08%	85,14%
NENHUMA PARTICIPAÇÃO	72,05%	75,14%	86,66%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

A fim de elucidar as diferenças significantes, na Figura 1 podemos visualizar os valores e os sujeitos em comparação.

Figura 1 - Gráfico da adesão aos valores nos grupos pesquisados



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O primeiro dado significativo que encontramos indica a existência do fenômeno *bullying* nas escolas. Dentre os 2.513 respondentes, 11,52% estão envolvidos nessa forma de intimidação sistemática, seja como autor (48 alunos), alvo (58 alunos) ou espectador (673 alunos).

O próximo dado a ser analisado corrobora nossas hipóteses iniciais: os autores de *bullying* são os que menos aderem ao valor do respeito, da justiça e da solidariedade (64,58%, 66,67%, 72,92%, respectivamente). Isso pois em situações de intimidação, agressão e maus-tratos, estão ausentes valores como o respeito que significa a valorização

de toda e qualquer singularidade. Assim, toda e qualquer ação que fira a dignidade de uma pessoa, como a violência, a humilhação, a exploração, a manipulação e várias formas de discriminação devem ser repudiadas como desrespeito (MARQUES; TAVARES; MENIN, 2017). Outro valor que se encontra ausente nessas situações é a justiça composta dos princípios de igualdade e equidade. O valor da solidariedade, como já vimos, também se encontra ausente em casos de humilhação e intimidação.

Em estudos anteriores, foi possível constatar as motivações que os agressores têm para seus comportamentos hostis: a realização, busca pelo poder, status e posição dominante entre seus pares são exemplos do porquê causam mal ao outro (SALMIVALLI; PEETS, 2008; SOUZA, 2019). Pesquisas mostram que os autores de *bullying* têm competência moral para julgar, mas falham em compaixão moral e sensibilidade (GINI; POZZOLI; HAUSER, 2011). Apesar de terem uma inteligência bem desenvolvida, apresentam baixos níveis de empatia. Menesini *et al.* (2003) denominaram essa baixa sensibilidade à dor alheia como indiferença, ausência de sentimentos negativos ou até de culpa ao se causar dano a outra pessoa. Não obstante, os autores dessa forma de intimidação não estão imunes ao sofrimento. Segundo Fekkes, Pijpers e Verloove-Vanhorick (2005), os autores de *bullying* estão mais propensos ao uso de álcool, drogas e transtornos psiquiátricos. Outra característica é a dificuldade de obedecer às regras e adaptar-se à escola, o que chama a atenção para a possibilidade de agirem mal como forma de se verem livres de problemas sociais (OLWEUS, 1997), tendo em vista suas dificuldades em habilidades sociais (AVILÉS, 2006). Nas palavras de Tognetta e Rosário (2013), “[...] são esses que mais precisam ser o centro das atenções, o que talvez seja um modo de esconder o medo de não serem aceitos” (p. 110). Observamos que as consequências não são menos graves a esses protagonistas de *bullying*, muito pelo contrário, pois estão fadados à solidão, tendo em vista que as pessoas não suportam estar com alguém que as submetem às suas vontades o tempo todo (TOGNETTA *et al.*, 2017).

Constatamos também uma diferença significativa entre os que participam, de modo geral, das situações de *bullying* (59,18%) e aqueles que não participam, ou seja, que não se identificaram enquanto autores, alvos ou espectadores (72,05%): os que não se identificam como participantes de situações de intimidação aderem mais ao respeito do que os que participam diretamente dessas ações.

Seguindo, os alvos apresentaram as maiores taxas de adesão ao valor da justiça (81,03%) e da solidariedade (89,66%). Contudo, com relação ao valor do respeito, aderem

menos (67,24%), ficando atrás somente dos autores de *bullying* (64,58%). A justificativa para tal acontecimento reside no fato de que os alvos desse fenômeno possuem uma autoestima negativa, ou seja, por se sentirem de menor valor, consentem com as agressões que sofrem por certo “merecimento” (TOGNETTA, 2012; AVILÉS MARTÍNEZ, 2013; TOGNETTA; ROSÁRIO, 2013). Nós mesmos encontramos, em pesquisas anteriores, quando tratamos de formas de desengajamentos morais apresentadas por sujeitos participantes de situações de *bullying*, não haver diferença entre alvos, autores e espectadores quando atribuem “culpa” à vítima de *bullying* (TOGNETTA; ROSARIO, 2013). Além disso, segundo Olweus (1997), os alvos desse fenômeno são visivelmente mais ansiosos e inseguros que os alunos em geral, também costumam ser cautelosos, sensíveis, silenciosos e solitários; ao serem intimidados ou agredidos, costumam reagir chorando, o que os torna um alvo fácil devido a sua visível fragilidade. Ao mesmo tempo, ainda afirma que “o assédio repetido por colegas deve ter aumentado consideravelmente sua ansiedade, insegurança e avaliação geralmente negativa de si mesmos” (OLWEUS, 1997). Ainda assim, apesar de possuírem déficits em habilidades sociais, estratégias de enfrentamento, assertividade, regulação emocional e carecerem de reconhecimento de seus próprios estados emocionais, não lhes falta a adesão a valores morais quanto a sua ação com os outros (TOGNETTA; OLIVEIRA; BOMFIM, 2021).

Quanto aos espectadores, segundo Tognetta e Bozza (2010) e Avilés Martínéz (2013), eles sabem das características de tais intimidações, porém, por medo de se tornarem o próximo alvo ou por não saberem como intervir, nada fazem. Entre eles, é possível identificar quatro diferentes tipos: os espectadores assistentes, que dão suporte aos autores em suas ações; espectadores reforçadores, que não participam diretamente nas situações, mas que ao rir, filmar ou aplaudir, corroboram com tais atos; espectadores observadores, que não participam diretamente das situações, mas nada fazem para intervir. Por fim, tem-se os espectadores defensores que se posicionam a favor do alvo, indignando-se e intervindo em casos de *bullying*.

Tendo em vista que são os participantes em maior número em situações de *bullying*, são também os que mais têm possibilidade de intervir nesses casos. Para que isso ocorra, é preciso que se indignem, que não naturalizem as situações de violência ou sejam indiferentes a elas. Um importante valor para atingir tal objetivo é a solidariedade, tendo em vista que, ao sermos solidários, incluímos o outro em nosso universo de valores e consideramos o seu bem (TOGNETTA; OLIVEIRA; BOMFIM, 2021). Segundo Jares

(2008), a solidariedade é uma qualidade do ser humano que nos leva a partilhar sentimentos. Sendo assim, somos solidários quando nos indignamos e nos sensibilizamos com a dor do outro, pelo que padece ou sofre alguma injustiça (JARES, 2008). Nesse sentido, a solidariedade é um instrumento de melhoria da convivência.

A análise de dados mostra que os espectadores são os que mais aderem aos valores do respeito (73,40%), da justiça (76,08%) e da solidariedade (85,14%), ficando atrás somente dos alvos nos valores da justiça (81,03%) e solidariedade (89,66%). Com isso, vemos a importância da solidariedade em reconhecer a pertinência a uma comunidade de interesses e de afetos e de tomar para si questões comuns, responsabilizar-se pessoal e coletivamente por elas (BRASIL, 1998).

Em resumo, constatamos que há diferenças nos modos de adesão a valores morais entre aqueles que se autopercebem como autores, alvos ou espectadores em situações de intimidação. É possível afirmar que aqueles que se identificam enquanto autores de *bullying*, assim como prevíamos, apresentam uma baixa compreensão dos conteúdos morais. Portanto, pensar em formas de prevenção e intervenção em casos de intimidação sistemática (*bullying*), nos impele a pensar na formação moral desses jovens e adolescentes no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente, então, que o *bullying* é um problema considerável em nossas escolas e que, apesar de ser um fenômeno muito antigo, as investigações sistemáticas acerca dele são muito recentes.

Por isso, acentuamos a necessidade de estudos minuciosos e críticos sobre esse fenômeno que aflige jovens e adolescentes no Brasil e no mundo. Só assim será possível traçar estratégias eficazes de enfrentamento ao *bullying* que envolvam não apenas formas de intervenção, mas também de prevenção, promovendo uma cultura moral na escola em que as relações estabelecidas sejam pautadas pelo respeito mútuo, justiça, colaboração, cooperação, responsabilidade, solidariedade, tolerância, entre outros. Nas palavras de Comte-Sponville (2009, p. 07), “se a virtude pode ser ensinada, como creio, é mais pelo exemplo do que pelos livros”.

Portanto, é através da interação entre os pares e das experiências obtidas na escola que crianças e adolescentes têm a oportunidade de construir seus valores e, sendo esse

um ambiente de práticas morais, em que as relações sejam pautadas em valores como o respeito, a justiça, a solidariedade, a cooperação, entre outros (MAZZINI; BASTOS, 2016). Segundo Vinha e Tognetta (2009), “será durante a convivência diária, desde pequena, com o adulto, com seus pares, com as situações escolares, com os problemas com os quais se defronta, e também experimentando, agindo, que a criança irá construir seus valores, princípios e normas” (p. 527).

Como vimos anteriormente, dentre os protagonistas do fenômeno *bullying*, os autores são os que apresentam menores taxas de adesão aos valores do respeito (64,58%), da justiça (66,67%) e da solidariedade (72,92%) quando comparados aos demais agrupamentos de partícipes de situações de intimidação sistemática. Vimos que os alvos de *bullying* são os que, em nossa pesquisa, mais aderem aos valores da solidariedade e da justiça, exceto ao respeito e, principalmente, quando se trata em particular de situações hipotéticas que referem-se à ausência desse valor (TOGNETTA; OLIVEIRA; BOMFIM, 2021).

Concluimos nossa investigação com a comprovação de nossa hipótese inicial: há diferenças nos modos de adesão aos valores morais entre aqueles que se autoperceberam autores, alvos ou espectadores desse fenômeno. Tais resultados apontam a importância de uma educação em valores voltada ao desenvolvimento da autonomia moral e a promoção de uma convivência ética. Certamente, o ambiente escolar é palco das relações sociais, portanto, seus membros devem, “por meio de suas ações, dar exemplos de respeito, justiça, solidariedade, diálogo, cooperação, mais do que fazer discursos ou agir de forma não condizente com os valores que querem ensinar” (MENIN; TAVARES, 2013, p. 15).

Uma limitação de nosso estudo diz respeito ao instrumento utilizado se referir à juízos de valor e não de ações propriamente ditas, significando que responder em alternativa P3, por exemplo, não quer dizer que, necessariamente, em tal situação vivencial o sujeito escolheria a ação mais justa, respeitosa e solidária. Isso pois há uma dimensão do “querer”, que vai além do “dever” agir moralmente (LA TAILLE, 2006) e que, muitas vezes, foge ao diagnóstico.

Nossas investigações no campo da educação moral têm comprovado a eficácia de estratégias de protagonismo como metodologias que permitam a ação de adolescentes e jovens na promoção da convivência nas instituições escolares (BOMFIM, 2019; LAPA, 2019; SOUZA, 2019). Indicam também o imperativo de que as instituições educacionais

se valham de propostas sistematizadas e intencionais que proporcionem a aprendizagem dessa convivência pacífica para que crianças, adolescentes, jovens ou adultos, possam escolher “o lado do bem”.

REFERÊNCIAS

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. **Bullying: guia para educadores**. Trad. Guillermo Millán-Ramos. rev. Luciene Regina Paulino Tognetta. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. (Coleção: Psicologia e Educação em debate)

BOMFIM, S. A. B. **Respeito, justiça e solidariedade no coração de quem ajuda: valores morais e protagonismo entre alunos para combater o bullying**. 2019. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181390>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: temas transversais, ética**. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FEKKES, M.; PIJPERS, F. I. M.; VERLOOVE-VANHORICK, S. P. Bullying: who does what, when and where? Involvement of childrens, teachers and parents in bullying behavior. **Health Education Research**, v. 20, n. 1, p. 81-91, 2005.

GINI, G. POZZOLI, T. HAUSER, M. Bullies have enhanced moral competence to judge relative to victims, but lack moral compassion. **Personality and Individual Differences**, v. 50, n. 5, p. 603-608, 2011.

JARES, X. R. **Pedagogia da convivência**. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2008.

LAPA, L. Z. **Valentes contra o bullying: a implantação das equipes de ajuda, uma experiência brasileira**. 2019. 316 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/181907>. Acesso em: 10 dez. 2020.

LA TAILLE, Y. **Vergonha: a ferida moral**. São Paulo: Ed. Vozes, 2002.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

MARQUES, C. A. E.; TAVARES, M. R.; MENIN, M. S. S. Valores Sociomorais. *In:* TOGNETTA, L. R. P.; MENIN, M. S. S. (Org.). **Coleção valores sociomorais: reflexões para a educação.** Americana: Adonis, 2017.

MAZZINI, P. F.; BASTOS, C. Z. D. A. A construção dos valores morais na escola por meio de práticas de virtude. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, v. 8, n. 1, p. 66-97, 2016.

MENESINI, E. *et al.* Moral emotions and bullying: a cross-national comparison of differences between bullies, victims and outsiders. **Aggressive Behavior**, v. 29, n. 6, p. 515-530, 2003.

MENIN, M. S. S.; BATAGLIA, P. U. R.; MORO, A. Adesão ao valor justiça em crianças e adolescentes. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 56, n. 24, p. 18-47, 2013.

MENIN, M. S. S.; TAVARES, M. R. Por que eleger o tema sobre avaliação de valores. **Revista Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 24, n. 56, p. 12-17, set./dez. 2013.

MENIN, M. S. S.; TAVARES, M. R.; MORO, A. Mensurando valores morais: uma pesquisa com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 49/2, p. 525-549, 2013.

OCDE. **TALIS 2013 Technical Report**. Paris: OCDE Publications, 2014. Disponível em: <http://www.oecd.org/education/school/talis-2013-results.htm>. Acesso em: 09 mar. 2021.

OLWEUS, D. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. **Journal of child psychology and psychiatry**, v. 35, n. 7, p. 1171-1190, 1994.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school. **Irish Journal of Psychology**, v. 18, n. 2, p. 170-190, 1997.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1994.

SALMIVALLI, C.; PEETS, K. Bullies, victims, and bully-victim relationship. *In:* RUBIN, K.; BUKOWSKI, W.; LAURSEN, B. **Handbook of peer interactions, relationships, and groups**. Guilford Press, 2008.

SOUZA, R. A. **Quando a mão que acolhe é igual a minha**: a ajuda em situações de (cyber)bullying entre adolescentes. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/181590>. Acesso em: 10 dez. 2020.

TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. *In:* PONTES, A.; DE LIMA, V. S. **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Zouk, 2005.

TOGNETTA, L. R. P. Vencer o bullying escolar: o desafio de quem se responsabiliza por educar moralmente. *In:* TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (Org.) **É possível superar a violência na escola?** Construindo caminhos pela formação moral. São Paulo: Editora do Brasil (UNICAMP), 2012.

TOGNETTA, L. R. P. *et al.* Bullying e cyberbullying: quando os valores morais nos faltam e a convivência se estremece. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 3, p. 1880-1900, jul./set. 2017.

TOGNETTA, L. R. P.; BOZZA, T. Cyberbullying: quando a violência é virtual – um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. *In:* GUIMARÃES, Á.; PACHECO, Z. **Caderno de resumos do I Seminário Violar:** problematizando juventudes na contemporaneidade. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010.

TOGNETTA, L. R. P.; AVILÉS MARTÍNEZ, J. M.; ROSÁRIO, P. Bullying, un problema moral: representaciones de sí mismo y desconexiones Morales. **Revista de educación**, n. 373, p. 9-34, 2016.

TOGNETTA, L. R. P.; MENIN, M. S. S. (Org.). **Reflexões para a educação**. 1. ed. Americana, SP: Adonis, 2017. (Coleção: Valores Sociomorais)

TOGNETTA, L. R. P.; ROSÁRIO, P. Bullying: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 24, n. 56, p. 106-137, 2013.

TOGNETTA, L. R. P.; OLIVEIRA, V. H. H.; BOMFIM, S. A. B. Adesão à valores morais entre envolvidos em situações de bullying. **Tópicos Educacionais**, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 98-119, jun. 2021. ISSN 2448-0215. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/250284>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Rev. Diálogo Educ., Curitiba**, v. 9, n. 28, p. 525-540, set/dez. 2009.